



**SANTIFICANDO CRISTO COMO
SENHOR DO CORAÇÃO: UMA
ANÁLISE DA NEUTRALIDADE DO
PENSAMENTO CIENTÍFICO A
PARTIR DO PENSAMENTO DE
ROY CLOUSER**

*SANCTIFYING CHRIST AS LORD OF THE HEART:
AN ANALYSIS OF THE NEUTRALITY OF
SCIENTIFIC THOUGHT FROM THE THOUGHT OF
ROY CLOUSER*

Jhonata Santos De Assis³⁰

³⁰ *Bacharel em Teologia pela Faculdade Internacional Cidade Viva (FICV); Pós-graduando em Educação Clássica Cristã pela FICV.*

RESUMO

O presente trabalho se propõe a investigar a afirmação de neutralidade religiosa e autonomia da razão na construção do conhecimento científico. Ao investigarmos a alegação de neutralidade religiosa perceberemos, a partir da filosofia de Herman Dooyeweerd, que o credo humanista exige um compromisso religioso. Tomaremos a perspectiva de Roy Clouser sobre crença religiosa e sua relação com o divino. A partir dela, descobriremos que a afirmação de que nenhuma teoria pode ser religiosamente neutra pode significar que não pode haver teoria sobre qualquer coisa que não seja interpretada à luz do que uma pessoa considera ser divino. Isto pode ser o verdadeiro Deus, aquele revelado nas Escrituras, ou qualquer outra coisa, no entanto, independente do que ou quem, essa não deixa de ser uma *crença religiosa*. O trabalho está dividido em quatro partes principais. Na primeira parte faz-se uma exposição da perspectiva de Roy Clouser sobre a realidade divina. O ponto central desta seção é a identificação do que seja o divino. Na segunda parte, uma abordagem à ciência. Aqui nosso trabalho tem a função de verificar o que é e como se dá a construção de uma teoria. Na terceira seção, analisa-se a relação existente entre a realidade divina e o seu papel na construção das teorias. Por fim, a quarta parte do trabalho expõe a teoria da realidade em Herman Dooyeweerd. A teoria da realidade baseada nas Escrituras conhecida como a Filosofia da Ideia Cosmonômica. Como metodologia foi usado o método de pesquisa pura, qualitativa, exploratória e técnica de revisão bibliográfica baseada na tradição reformada do pensamento dooyeweerdiano e do neocalvinismo holandês.

PALAVRAS-CHAVE

Autonomia da razão. Cristianismo; Filosofia; Neutralidade Religiosa; Fé; Ciência.

ABSTRACT

The present work proposes to investigate the affirmation of religious neutrality and autonomy of reason in the construction of scientific knowledge. When investigating the claim of religious neutrality, we will realize, from Herman Dooyeweerd's philosophy, that the humanist creed requires a religious commitment. We will take Roy Clouser's perspective on religious belief and its relationship to the divine. From it, we will discover that the claim that no theory can be religiously neutral can mean that there can be no theory about anything that is not interpreted in the light of what a person considers to be divine. This can be the true God, the one revealed in the Scriptures, or anything else, however, regardless of what or who, this is still a religious belief. The work is divided into four main parts. In the first part there is an exposition of Roy Clouser's perspective on divine reality. The central point of this section is the identification of what is divine. In the second part, an approach to science. Here our work has the function of verifying what it is and how the construction of a theory takes place. In the third section, the relationship between divine reality and its role in the construction of theories is analyzed. Finally, the fourth part of the work exposes the theory of reality in Herman Dooyeweerd. The Scriptural theory of reality known as the Philosophy of the Cosmonomic Idea. The methodology used was the pure, qualitative, exploratory and technical method of bibliographic review based on the reformed tradition of Dutch Dooyeweerdian thought and neocalvinism.

KEYWORDS

Autonomy of reason; Christianity; Philosophy of religion; Religious Neutrality; Faith and Science.

1. INTRODUÇÃO

Desde a Modernidade a narrativa dominante sobre a relação entre fé e ciência tomou um lugar destaque. A alegação de que a ciência e a religião são incompatíveis penetrou o imaginário humano de tal forma que tanto o religioso quanto o estudioso acreditam nessa proposição. Um dos fatores influenciadores desse desdobramento conflituoso é o problema da fundamentação do conhecimento (epistemologia). Para Santo Agostinho (354-430 a.C) o conhecimento era obtido pela iluminação recebida por Deus. A fé e a razão se relacionam mutuamente para descobrir a verdade de todas as coisas. É importante falar que a Verdade em Agostinho é entendida como Deus. Por outro lado, para René Descartes (1596-1650), o principal expoente do racionalismo moderno, o conhecimento adquirido pela experiência não é confiável. Para resolver tal problema, Descartes encontra seu ponto de partida na razão: *Cogito, ergo sum.*

Desta forma, a obtenção do conhecimento é pensada de maneira diferente por todas as eras conhecidas desde o mito das sociedades primitivas, passando pela filosofia clássica dos gregos, pela teologia da Idade Média e a ciência moderna do pensamento ocidental. Um segundo fator que se demonstra importante é a perspectiva antropológica. Na antiguidade clássica o homem é pensado a partir do Cosmos. Na Idade Média, a partir dos

desígnios da providência divina. Já na Modernidade, o homem busca as respostas em si mesmo.

Com o Renascimento a esfera religiosa começou a ser discutida e deixada de lado dando lugar ao racionalismo antropocêntrico. Os renascentistas estavam convictos de que através da razão, o homem poderia chegar ao conhecimento verdadeiro e assim explicar a realidade pelo uso da ciência. Com a nova forma estrutural vigente não demorou para que profetas das ciências começassem a fazer previsões sobre a morte iminente da religião. Uma delas, embora recente, demonstra com exatidão o espírito moderno. Anthony Wallace (1923-2015), previu que “a crença religiosa nos poderes sobrenaturais estava destinada a desaparecer com o avanço da difusão do conhecimento científico” (1966, p. 265). Essa perspectiva moldou o pensamento humano e abraçou toda a realidade. Uma nova visão de mundo foi instaurada e todas as instituições aos poucos se remodelaram para aderir a nova perspectiva e professar o novo credo. Muitos pensadores, principalmente no movimento iluminista, endossaram a antropologia cartesiana e estruturaram seus estudos filosóficos e empreendimento científico tendo o homem como um animal pensante. Friedrich Hegel (1770-1831) aponta, por exemplo, a razão como governante da História e regente do mundo (HEGEL, 1999, p. 17). Immanuel Kant (1724-1804) demonstra a impossibilidade do conhecimento de questões metafísicas, o que coloca por exemplo, a impossibilidade do conhecimento de Deus. Charles Darwin (1809-1882) desenvolveu uma teoria de explicação de mundo com pressupostos exclusivamente naturais postulando a existência do ser humano como fruto da evolução.

Todo esse movimento intelectual criou na Modernidade a ideia de que o ser humano pode viver de forma livre e neutra sem atender a compromissos extra filosóficos criando assim o dogma da autonomia da razão. A Modernidade propaga a ideia de que as crenças religiosas dizem respeito à esfera privada da vida e que a produção intelectual nada tem a ver com essas crenças. Abandonando a perspectiva religiosa, a Modernidade começou a usar a ciência como critério para toda a verdade é a única determinante para os limites da realidade.

Rendida ao novo dogma, os campos da ciência e educação exibem hoje uma atmosfera antirreligiosa. Teorias alternativas ao paradigma convencional oriundas de pressuposições religiosas como o Criacionismo e o Design Inteligente, são vistas como fábulas, mitos ou fantasia. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), por exemplo, na área de Ciências, a unidade temática “Vida e evolução” propõe o estudo de questões relacionadas aos seres vivos, “suas características e necessidades, e a vida como *fenômeno natural* e social, os elementos essenciais à sua manutenção e à compreensão dos *processos evolutivos* que geram a diversidade de formas de vida no planeta” (BRASIL, 2017, p. 322, grifo nosso). As abordagens religiosas de explicação de mundo são abordadas como “mitos fundantes” na seção de História (EF06HI03). Os mitos por sua vez, “representam a tentativa de explicar como e por que a vida, a natureza e o cosmos foram criados. Apresentam histórias dos deuses ou heróis divinos, relatando, por meio de uma linguagem rica em simbolismo, acontecimentos nos quais as divindades agem ou se manifestam” (BRASIL, 2017, p. 439).

A academia se converteu em um novo ídolo e, apesar de ser a casa das ideias, do debate e respeito mútuo, se mostra um ambiente amplamente hostil à fé. De maneira simples, a academia e o mundo científico, com poucas, mas substanciais ressalvas, indicam a descrença como resultado da busca pela verdade. A religião é como um farol alto que vem no sentido oposto, ofuscando a visão e impedindo que o mundo seja visto de forma clara e objetiva. Desta forma, a principal proposição do pensamento moderno científico a respeito da religião diz respeito ao fato de que a ciência perderá sua objetividade se atrelada a quaisquer pressuposições originadas da fé.

Em resposta, em sua filosofia cosmonômica, Hermann Dooyeweerd (2014, p. 127) afirma que “Toda a filosofia, bem como todas as ciências, estaria carregada de pressuposições religiosas que determinariam a sua direção”. O presente trabalho se propõe a investigar a afirmação de neutralidade religiosa e autonomia da razão. Será mesmo a razão autônoma? De que maneira a ciência se relaciona com a religião? Ao investigarmos a alegação de neutralidade religiosa, perceberemos, a partir da filosofia de Herman Dooyeweerd, que nenhuma atividade teórica pode ser neutra em relação a religião. Tomaremos a perspectiva de Roy Clouser sobre crença religiosa e sua relação com o divino e, a partir de tal perspectiva, descobriremos que a afirmação de que nenhuma teoria pode ser religiosamente neutra pode significar que não pode haver teoria sobre qualquer coisa que não seja interpretada à luz do que uma pessoa considera ser divino. Isto pode ser o verdadeiro Deus, aquele revelado nas Escrituras, ou qualquer outra coisa, no entanto, independente do que ou quem, essa não deixa de ser uma *crença religiosa*. Assim,

obteremos um ferramental que contribuirá para fundamentar ainda mais a fé nos deixando preparados para responder, a quem quer que seja, a razão da nossa fé (1 Pe 3:15).

Este trabalho está dividido em três partes principais. Na primeira parte expõe a perspectiva de Roy Clouser sobre a realidade divina. O ponto central desta seção é a identificação do que seja o divino. Na segunda parte faz-se uma abordagem à ciência. Aqui nosso trabalho tem a função de verificar o que é e como se dá a construção de uma teoria. Por fim, na terceira parte, analisaremos a relação existente entre a realidade divina e o seu papel na construção das teorias. Como metodologia foi usado o método de pesquisa pura, qualitativa, exploratória e técnica de revisão bibliográfica baseada na tradição reformada do pensamento dooyeweerdiano e do neocalvinismo holandês.

2. RELIGIÃO: UM EXERCÍCIO UNIVERSAL

Qual a relação entre a crença religiosa e a forma com que as pessoas conduzem sua vida? Roy Clouser em “O mito da neutralidade religiosa” inicia sua investigação acerca da crença religiosa com essa pergunta. Para o autor, a crença religiosa “afeta as pessoas no nível mais profundo de suas convicções e valores cuja influência é decisiva em relação aos maiores temas da vida, permeando a totalidade do espectro da experiência humana” (CLOUSER, 2020, n.p). Hermann Dooyeweerd (1984, p. 57) entende a religião como sendo “o impulso inato da personalidade humana a dirigir-se a verdadeira ou a uma pretensa Origem absoluta de toda a diversidade temporal de significado, que se encontra focada concentricamente em si

mesmo". Logo, a questão levantada por Dooyeweerd não é de ordem de ser ou não religioso, mas sobre qual direção dar ao aspecto religioso (REICHOW, 2019, p. 29). Roy Clouser fornece uma pesquisa de grande importância para esclarecer o que seja de fato, uma crença religiosa. Em primeiro lugar, precisamos retirar do nosso imaginário aquilo que facilmente desvia nossa atenção para o que de fato seja uma crença religiosa.

É do conhecimento comum que a religião deve apresentar ao menos três características fundamentais; (1) conter um código de ética que indique um padrão moral a ser alcançado pelo indivíduo ou comunidade. (2) exigir adoração expressa em um corpo de liturgias eclesásticas e (3) crer num Ser Supremo. Certamente essa é uma verdade para o cristianismo por exemplo, no entanto, a moralidade não é uma exigência em certas religiões.

No epicurismo antigo, os deuses não se envolviam com o mundo. Os deuses estão completamente separados da realidade, não possuem interesse nela, não desempenham nenhum papel e são completamente imperturbáveis por ela. Essa perspectiva de não intervenção divina é atribuída, entre outras, ao jainismo, o budismo e o xintoísmo japonês. Desta forma, uma pessoa poderia ser moralmente indiferente. Clouser argumenta que existem códigos morais de honra nas escolas, nos clubes esportivos, no exército e até mesmo em organizações criminosas e que ninguém concorda que as normas adotadas por estas instituições são fruto de uma crença religiosa. Assim, a insuficiência do primeiro argumento pode ser demonstrada.

O segundo ponto também pode ser demonstrado como falso pelo próprio epicurismo. Como já mencionado, os deuses são indiferentes ao mundo humano. Desta forma, a adoração se demonstra um exercício inútil. A mesma coisa se daria em relação a um determinado escopo ritualístico. Existem rituais que ora são religiosos, ora não são como por exemplo, jejum, comer pão e vinho, matar um animal, raspar a cabeça, etc. Na prática, o que tem de valor religioso no ato de comer pão e beber vinho? Para o cristianismo, este é um ato que simboliza a comunhão do fiel para com seu Deus. Entretanto, este ato não exprime nenhum valor agregado à religião em tradições de matrizes africanas. Por outro lado, o ato de raspar a cabeça³¹ é o sinal de iniciação a comunidade religiosa de algumas tradições africanas. Já para o cristianismo, este ato não possui valor simbólico algum para a tradição. Desta forma, Clouser (2020) conclui que crenças religiosas “não são necessariamente aquelas que geram ensinamentos éticos ou ritos; existem crenças religiosas que carecem de ambas e crenças não religiosas que geram ambas”.

O terceiro, e mais difundido argumento, diz respeito à crença em um Ser Supremo. Parece, à primeira vista, que esse argumento abranja a totalidade de crenças religiosas existentes no mundo. Há também uma ideia de que todas as religiões adoram o mesmo ser embora com nomes diferentes. Entretanto, essa também é uma premissa que não se sustenta diante de alguns grupos religiosos. No hinduísmo a realidade divina não é um Ser, mas um “estado-de-ser”. De maneira semelhante, o budismo indica que o divino esteja além de um Ser. Muitos

³¹ No candomblé raspar a cabeça é um ato sagrado de iniciação da religião. O ato diz respeito ao religar, uma forma de estabelecer uma comunicação com seu Orixá.

colocam o divino como sendo o "Vazio", o "Nada" ou "Não-Ser". Em suma, apesar de essas religiões creem em uma realidade divina, elas discordam que o divino seja um Ser.

A importância do estudo de Clouser não está em demonstrar qual religião é certa ou errada, verdadeira ou falsa. A pesquisa de Clouser se preocupa em encontrar um elo comum a todas as crenças religiosas, algo que pudesse ser encontrado em cada tradição religiosa localizada em qualquer tempo e espaço da história humana. Para isso, ele faz parte do exame da estrutura da crença religiosa. Trata-se de comparar o que é uma crença religiosa e o que não é uma crença religiosa, visto que a crença é uma realidade fundamental ao ser humano. Cremos por exemplo que $1+1=2$, que receberemos nosso salário no quinto dia útil do próximo mês e, que houve um regime militar no Brasil iniciado em 1964. Ora, alguém pode dizer que estas não são crenças religiosas. No entanto, esta não é uma verdade para os pitagóricos que acreditavam na divindade de $1+1=2$. Vejamos uma antiga oração que os pitagóricos dirigiam ao *Tetractys*³²:

Abençoa-nos, número divino, tu que gerou deuses e homens! Ó santo, santo *Tetractys*, tu que conténs a raiz e a fonte da eterna criação que flui! Pois o número divino começa com a profunda e pura unidade até chegar ao santo quatro; então, gera a mãe de todos, a

³² Um *tetraktys* ou *Tétrada* é uma representação pitagórica na forma de um triângulo, denominado "triângulo perfeito". Para os pitagóricos, os números mantinham uma relação direta com a matéria, considerando, por exemplo, o número "um" como um ponto, o "dois" como uma reta, "três" uma superfície e o "quatro" um sólido. As sequências dos pontos nas quatro fileiras formam a representação geométrica do quarto número triangular. Assumindo que $1 + 2 + 3 + 4 = 10$, o número "dez" era visto como uma espécie de conjunto de quatro elementos, o "alicerce" das coisas do mundo.

toda-compreensiva, toda-abrangente, o primogênito, o inabalável, o incansável dez, a portadora de tudo. (DANTZIG, 2007, p. 42)

Isso demonstra um ponto importante no trabalho de Clouser a saber; como uma mesma crença pode ser religiosa para uma pessoa enquanto para outra não. Na verdade, esse é um ponto essencial para compreendermos a afirmação central do estudo de Clouser o qual postula que nenhuma teoria deixa de ser regulada e guiada por uma crença religiosa.

2.1 A REALIDADE DIVINA

Em sua pesquisa, Clouser chega à conclusão de que todas as tradições religiosas se apoiam em alguma noção interna do que creem ser divino. Embora haja claramente uma discordância sobre quem ou o que é divino, elas concordam juntamente na crença de que o divino é universalmente independente do qual todo o resto depende. Clouser (2006, p. 6), afirma nunca ter encontrado “uma tradição religiosa que falhe em atribuir o status de divindade como consistindo em ter incondicionalidade, ou realidade não-dependente”. Como já dissemos, não se trata de quem, mas o que significa ser divino. Usemos uma analogia para exemplificar o caso. Como você responderia à pergunta “Quem é o presidente dos Estados Unidos?”. Existe, segundo Clouser, duas formas de responder a essa questão. A primeira, é descrever quem é a pessoa que atualmente é o presidente. A outra forma é descrever o cargo de presidente, isto é, os deveres e as atribuições que tal pessoa possui. Nesse caso, você pode discordar com quem deve ocupar a

cadeira de presidente, entretanto, não há discussão sobre o que significa ser presidente. Desta forma, as muitas tradições religiosas discordam de quem tem o status de divino, contudo, todas concordam com o que significa ser divino. Assim, você pode discordar que a divindade seja um criador transcendente como o Deus cristão, o *Okeanos* ou Caos de Homero, o Número pitagórico, o Cosmos de Carl Sagan, ou qualquer outro. No entanto, as características que a estes são atribuídas, revelam a realidade divina.

O que está no cerne da crença religiosa, aquilo que é inerente a esta, é a crença em realidades originantes, não dependentes e incondicionais, em suma, *arché*³³. Aristóteles (2002, p. 513) afirma: “Assim, sobre aquilo que pode existir independentemente e é imutável, a uma ciência [...] E se entre os seres existe uma realidade desse gênero, ela deverá ser o divino e também o Princípio primeiro e supremo”. Como bem observa Guilherme de Carvalho, a concepção clássica a respeito de crença metafísica, isto é, a natureza do ser e a origem de todas as coisas, é de que a fonte de todas as coisas é divina. Desde os

³³ *Para os filósofos pré-socráticos, a arché ou arquê (em grego antigo: ἀρχή), seria o elemento que deveria estar presente em todos os momentos da existência de todas as coisas do mundo. No caso de Tales de Mileto, por exemplo, a água era um elemento puro, e através dela podia-se criar várias coisas; o início, o desenvolvimento e o fim de tudo. Princípio único. Outros elementos além da água foram elencados como o fogo, o ar, a terra, o número (Pitágoras), os átomos (Demócrito), etc. Um dos pré-socráticos, Diógenes de Apolônia, explicou o raciocínio que levou os filósofos desse período à ideia de arché: “[...] Todas as coisas são diferenciações de uma mesma coisa e são a mesma coisa. E isto é evidente. Porque se as coisas que são agora neste mundo - terra, água, ar e fogo e as outras coisas que se manifestam neste mundo -, se alguma destas coisas fosse diferente de qualquer outra, ele seria diferente e diferenciava sua natureza própria e se não permanecesse, então não permaneceria puro, e através disso descobriu que ocorreu muitas mudanças e diferenciações, então as coisas não poderiam, de nenhuma maneira, misturar-se umas às outras, nem fazer bem ou mal umas às outras, nem a planta poderia brotar da terra, nem um animal ou qualquer outra coisa vir a existência, se todas as coisas não fossem compostas de modo a serem as mesmas. Todas as coisas nascem, através de diferenciações, de uma mesma coisa, ora em uma forma, ora em outra, retomando sempre a mesma coisa.” (Fragmento 2 de Diógenes de Apolônia em “Os filósofos pré-socráticos”, Gerd A. Bornheim)*

pré-socráticos a Aristóteles, todos os filósofos pensaram nos primeiros princípios como coisas divinas. “Não havia distinção entre crenças em deuses por um lado e crenças sobre a realidade incondicionada e não dependente do outro como uma crença puramente secular” (CARVALHO, 2016). O que acontece na modernidade, continua Carvalho, é que de alguma forma, a crença religiosa e a crença em uma realidade fundamental de onde vem todas as coisas foram separadas. Desta forma, é possível ser um materialista dialético, ou seja, acreditar que a matéria deu origem a tudo e não pensar que essa crença seja religiosa porque, na mentalidade moderna, uma crença religiosa é uma crença em deuses.

Podemos demonstrar essa premissa observando Carl Sagan. Para Sagan (2017, p. 4), “O cosmos é tudo o que existe, que existiu ou que existirá”. Em Sagan o Cosmos é a realidade independente que deu origem a tudo o que existe e da qual tudo depende. Ele endossa uma crença metafísica de realidade última sem demonstrar por outro lado qualquer crença em deuses. É interessante notar que sua crença no *Cosmos*, a quem atribui as propriedades de realidade divina, direciona toda sua pesquisa científica fornecendo a base para a construção de todo seu sistema de conhecimento. Desta mesma forma, os pitagóricos tinham seus santo e divino dez, o positivismo coloca as sensações no altar da divindade e o materialista considera a matéria como realidade autoexistente da mesma forma que o racionalista moderno considera as leis matemáticas. Eles não entoam hinos ou orações as partículas subatômicas ou desenvolvem alguma liturgia quantitativa para essas realidades. No entanto, como explana Clouser (2020), “essas crenças atribuem à matéria ou às

leis matemáticas, respectivamente, o mesmo status não dependente que um judeu, um cristão ou um muçulmano atribuem a Deus”.

2.2 OBJEÇÕES A FORMULAÇÃO DE CLOUSER

Uma das principais objeções a fórmula de Clouser é de que sua definição é muito ampla e que ela parece fazer com que algumas crenças não-religiosas sejam consideradas religiosas ao definir qualquer coisa que se acredita ter realidade incondicional como crença da divindade. Ela incluiria não apenas as divindades das religiões tradicionais, mas também as propostas de muitas teorias metafísicas e científicas que usam a matéria, formas, números, substâncias, percepções sensoriais, conjuntos lógicos, etc., como teorias de explicação final. Então objeta-se, a definição não é muito ampla? Não é óbvio que essas não são crenças religiosas? Clouser indaga, mas por que isso é óbvio? Por essas crenças não ocorrerem num contexto de tradição cúltica? Certamente, explica Clouser, essas teorias nem sempre são acompanhadas por um conjunto elaborado de crenças e práticas relacionadas ao modo como os seres humanos podem se relacionar adequadamente com o que é divino. Isso é verdade, mas, de acordo com Clouser, é irrelevante! A questão não é se tais crenças são empregadas para o mesmo propósito em teorias e em tradições cultuais:

O que é mostrado é que as crenças sobre o que tem status divino desempenham um papel importante tanto nas teorias quanto nas tradições cultuais. Isso acontece porque tudo o

que serve a uma teoria como seu último explicador só poderia ter esse status se também tivesse o status de divindade (e o fato de poder ser chamado de "metafisicamente último" em vez de "divino" não muda nada, desde que o status da realidade incondicional é atribuída a ele). Assim, determinar o que tem status divino acaba sendo tão crucial para as teorias quanto para a religião. O que quer que tenha esse status é o garante final do destino humano em uma religião e é o melhor explicador de uma teoria (CLOUSER, 2006, p. 7)

Isto pode causar um pouco de confusão pois geralmente entende-se que a crença religiosa intrinsecamente necessita de personalidade, isto é, se dirigir a um ser pessoal. Como já debatemos, essa não é uma verdade. Por essa razão, argumenta Clouser (2006, p. 7), que a objeção "muito ampla" parece nada mais do que a reação restrita à cultura diferente daquela com a qual o objeto está mais familiarizado. A resposta para essa suposição é bastante simples; ela decorre de assumir a crença no Deus cristão como protótipo de crença religiosa. Isso também explica como ocorreu a distinção entre crença religiosa (adoração a deuses) e a crença em realidades não dependentes (teorias).

2.3 A ILUSÃO DO CRISTIANISMO COMO PROTÓTIPO DE CRENÇA RELIGIOSA

No cristianismo a divindade, isto é, a realidade não-dependente e da qual todo o resto depende é Deus, ou seja,

a crença no Deus pessoal e no primeiro princípio é a mesma coisa. Em outras palavras, na crença cristã, Deus, a fonte de todas as coisas, é uma pessoa, uma pessoa que se relaciona com sua criação e que exige compromisso e devoção. A Modernidade se estabelece na contramão do cristianismo, na rejeição da crença cristã no Deus pessoal. Pode-se testemunhar por toda a Idade Média a supremacia do cristianismo em todas as áreas da vida humana. Desta forma, à mente moderna, a crença religiosa é sinônimo de teísmo enquanto o ateísmo é o resultado da rejeição da crença religiosa. Carvalho (2016) explica que o ideal de neutralidade é uma espécie de cortina de fumaça que esconde do pensador secular os absolutos que governam o seu pensamento. O cientista estudioso moderno possui absolutos que tem a mesma função que uma crença religiosa possui, mas por não crer em “deuses” e não participar de uma tradição cültica, ele não nota que a relação que possui com a teoria é uma relação religiosa. Essas crenças religiosas e metafísicas costumam guiar a teoria estabelecendo parâmetros para as hipóteses e determinando quais entidades particulares um teórico pode postular:

se a matéria é considerada divina, assume-se alguma forma de metafísica materialista e os postulados da teoria científica serão físicos. Da mesma forma, se as percepções sensoriais receberem status divino, será assumida uma visão fenomenalista da realidade e as entidades hipotéticas serão de natureza exclusivamente sensorial [...] O resultado é que sempre que uma teoria pressupõe algum tipo de propriedades e leis encontrada na criação (física, sensorial,

lógica, etc.) como qualificando a natureza da divindade, essa crença exige que a natureza de suas entidades postuladas corresponda à natureza de tudo o que se acredita ser divino (CLOUSER, 2006, p. 8).

Se por um lado, explica Clouser, nas religiões cúltricas, uma crença na divindade é a base para outras crenças sobre como adquirir os benefícios de uma relação pessoal adequada com o divino. Por outro lado, a metafísica usa principalmente uma crença da divindade como base para a construção de teorias explicativas. Nesse sentido, as teorias científicas são reguladas por alguma metafísica, e qualquer teoria da realidade é regulada, por sua vez, por alguma crença na divindade. Diante disso, a pergunta que se faz é: se todas as outras crenças sobre o que é divino fazem diferenças cruciais para a metafísica e, portanto, para a ciência, por que a crença em Deus seria a única que não?

3. O QUE É UMA TEORIA?

No tópico anterior foi debatido o que significa, pela perspectiva de Roy Clouser, uma crença religiosa. Nesta segunda parte de nosso trabalho temos o dever de expor, mesmo que de forma geral e introdutória, algumas perspectivas sobre as teorias da realidade. É amplamente difundida em nossos dias a ideia que tão logo uma teoria é testada e aprovada por um grupo especializado, se torna o padrão de autoridade para julgar a verdade daquilo que diz respeito. Isso implica dizer, como bem aponta Clouser (2020, n. p), que se a crença religiosa de alguém for confrontada por uma teoria, essa pessoa deveria abandonar a

crença e se adequar a teoria sob pena desprezo intelectual caso mantenha sua fé. Deveria então o cristão, aceitar as teorias como sendo elas mesmas legisladoras sobre a verdade?

Trataremos “teoria” como sendo a explicação que oferece uma hipótese que tenta justificá-la por meio de argumentos e evidências. De maneira geral, uma teoria só é necessária pela necessidade de explicar algo. É a frustração de não saber a resposta para um determinado problema que impulsiona tanto o cientista como o filósofo a supor uma resposta. Neste sentido, existe uma diferença entre teoria científica e teoria filosófica. Clouser usa o termo “ciência” para identificar qualquer disciplina específica delimitada a um ou dois aspectos da experiência³⁴. Já a filosofia visa um panorama mais abrangente. Ela oferece teorias que buscam explicar a conexão geral de todos os aspectos, isto é, todas as ciências. Bavinck explica que é nesse ponto que a ciência comete um erro.

Bavinck explica que a evolução foi elevada à categoria de fórmula de explicação de mundo passando do campo da ciência para o da filosofia (BAVINCK, 2019, p.131). Aqui já não é mais o cientista, mas sim o filósofo falando. De forma semelhante Jean Piaget diz que “ultrapassar os limites de sua própria disciplina implica uma síntese, e a disciplina especializada em sínteses não é outra senão a própria filosofia” (PIAGET, 1970, p. 12-3).

As teorias da filosofia que são responsáveis por conectar os aspectos da experiência são: ontologia (teoria geral da realidade - também conhecida como metafísica) e epistemologia (teoria geral do conhecimento). É por esse motivo que quando um

³⁴ *Alguns aspectos são: ética, estética, economia, lógica, biótica, espacial, social, histórica, jurídica, física, etc.*

cientista tenta relacionar seu campo de estudo com qualquer outro campo do conhecimento ele o faz através das fronteiras da ciência para a filosofia. Por mais que a ciência despreze, ela sempre partirá e retornará à filosofia. Antes de adentrarmos um pouco mais afundo nessa questão, faz-se necessário uma pequena abordagem aos critérios científicos para a construção de seu conhecimento. Vejamos um pouco sobre o paradigma atual e quais as premissas necessárias para a construção do conhecimento científico.

3.1 FORNECENDO AS PREMISSAS NECESSÁRIAS PARA A CIÊNCIA

O naturalismo³⁵ fornece a base para a construção do conhecimento científico moderno, visto que somente ele fornece a ideia de que a realidade é formada por processos naturais, consistente apenas em objetos naturais governados por leis naturais que são reconhecidas pela mente humana por meio do exercício racional. É curioso notar que em sua própria definição sobre o que é o naturalismo, o professor Steven Dale Schafersman, define o naturalismo como sendo uma filosofia que sustenta que:

(1) a natureza é tudo o que existe e tudo o que existe ou acontece é natural; (2) a natureza (o universo ou cosmos) consiste apenas em elementos naturais, isto é, em elementos

³⁵ *O naturalismo é, "em oposição ao sobrenatural ou espiritual, a ideia ou crença de que apenas as leis e as forças naturais operam no mundo; em extensão, a ideia ou crença de que não existe nada além do mundo natural". Os adeptos do naturalismo - ou seja, os naturalistas - afirmam que as leis naturais são as regras que regem a estrutura e o comportamento do universo natural; que cada etapa da evolução do universo é um produto dessas leis.*

materiais espaço-temporais - matéria e energia - e elementos não materiais - mente, ideias, valores, relações lógicas, etc .-- que estão associados ao cérebro humano ou existem independentemente do cérebro e são, portanto, de alguma forma imanentes à estrutura do universo; (3) a natureza funciona por processos naturais que seguem as leis naturais, e tudo pode, em princípio, ser explicado e compreendido pela ciência e filosofia; e (4) o sobrenatural não existe, isto é, apenas a natureza é real, portanto, a sobrenatural não é real. (SCHAFERSMAN, 1997).

Para o professor, o naturalismo implica uma unidade e regularidade na natureza. Assim, a natureza pode ser objetivamente compreendida. Ele afirma que o naturalismo não é uma suposição ou pressuposição dos cientistas. Em vez disso, uma hipótese que foi testada e repetidamente corroborada e, portanto, tornou-se um conhecimento confiável. No entanto, o próprio Schafersman diz não haver certeza sobre a veracidade do naturalismo: “O naturalismo é verdadeiro? Podemos pensar assim, mas não podemos saber com certeza. A verdade do naturalismo presumivelmente dependeria da existência de um reino sobrenatural” (SCHAFERSMAN, 1997). Acontece que apesar dos séculos de tentativas, os racionalistas teístas não conseguiram provar a existência de Deus. A falta de evidência atesta sua inexistência. Desta forma, o cientista é forçado a assumir uma espécie de agnosticismo quanto ao sobrenatural. Contudo, explica Schafersman, por causa dessa falta de

evidências e argumentos lógicos, é mais *razoável* desacreditar o sobrenatural do que desacreditar o naturalismo (SCHAFERSMAN, 1997).

Os cientistas precisam de certas suposições não verificáveis que forneçam a justificação do conhecimento científico. Em primeiro lugar, a base para a racionalidade é a aceitação de uma realidade objetiva externa. Isto é essencial para desenvolver uma perspectiva significativa do mundo. Essa contudo é tida como uma existência assumida. Um segundo ponto importante repousa no fato de que esta realidade objetiva é governada por leis naturais. A ciência admite que o universo obedece a princípios conhecíveis que são completamente independentes. Desta forma, a ciência pressupõe que o mundo físico seja ordenado e compreensível (GAUCH, 2003, p. 154). Em terceiro lugar, pressupõe-se que a realidade pode ser descoberta por meio de observação e experimentação sistemática. Além destes, ainda podemos elencar o axiomático uniformitarismo, isto é, a suposição de que as mesmas leis e processos naturais que operam no universo agora, sempre operaram no universo no passado e se aplicam a todos os lugares do universo. No entanto, essa afirmação ultrapassa os limites da inferência indutiva para o passado inobservável.

3.2 TEORIA GERAL DA REALIDADE E SUA RELAÇÃO COM O DIVINO

Agora que fomos introduzidos ao paradigma da ciência e às suas principais premissas necessárias para construção de seu conhecimento, voltemos para as teorias gerais da realidade. Esse

tipo de teoria tem como principal objetivo descobrir a natureza essencial da realidade. Se a realidade se mostra a nossa experiência através dos vários aspectos modais, a teoria deseja saber o que une cada aspecto à integralidade da realidade. Algumas teorias propuseram que todas as coisas são basicamente físicas, outras exibem uma combinação de propriedades físicas e lógicas, há ainda outras que relacionam a realidade ao aspecto sensorial, etc. A epistemologia segue esse mesmo método. Como diferenciar o conhecimento verdadeiro de uma mera opinião? Existem teorias que defendem o conhecimento como sendo essencialmente matemático, outros lógicos, histórico, etc. Esse tipo de teoria busca explicar a conectividade geral entre os aspectos que compõem os domínios das ciências (CLOUSER, 2020, n. p).

Clouser faz uma distinção entre dois tipos de hipóteses que ocorrem tanto na ciência como na filosofia. A primeira delas é a chamada “hipótese entitária”. Este tipo de hipótese sugere alguma nova realidade como a solução a uma questão. Ela postula uma realidade oculta como explicação para aquilo que tentamos explicar. O Big Bang na física, a teoria da evolução na biologia, a teoria da psicologia são exemplos desse tipo de teoria que propõe entidades como “coisa” e “propriedade”, “matéria” e “força”, “éter” e “movimento”, “espaço” e “tempo”, etc. Esses elementos, derivados da metafísica, não são experimentados, mas servem de elementos lógicos precedentes de toda e qualquer observação (BAVINCK 2019, p. 133).

O segundo tipo de hipótese é a que Clouser chama de “perspectival”. Fazendo analogia a um “quebra-cabeças”, Clouser explica que as hipóteses “entitárias” supõem, no fracasso de

encaixar as peças, que esteja faltando uma ou duas peças para completar a figura. No caso das hipóteses “perspectivais” em vez de propor uma nova entidade esse tipo de teoria propõe uma nova perspectiva sobre o arranjo de todas as peças. Ela considera as peças presentes suficientes desde que se identifique a peça-chave para organizar as demais (CLOUSER, 2020, n. p). A interpretação marxista da história é um bom exemplo de hipótese perspectival pois ela apresenta o aspecto econômico como fator chave para explicar o curso da história.

De toda a forma, as teorias de hipótese “entitária” fornecem a “entidade” e aspecto uma propriedade ontológica. Elas dizem que seus aspectos constituem a natureza essencial da realidade ou do conhecimento. Esse aspecto poderia não apenas ser básico como também exclusivo, isto é, o aspecto escolhido poderia existir à parte dos demais, mas os demais não poderiam existir à parte deste (CLOUSER, 2020, n. p). Desta forma, a propriedade atribuída ao aspecto é ontológica e, portanto, possui o status de realidade não dependente:

Em outras palavras, nossa afirmação central sobre o controle religioso de teorias segue dois passos: teorias científicas necessariamente pressupõem um panorama geral da realidade, enquanto panoramas gerais da realidade pressupõem alguma crença sobre a divindade per se. Crenças religiosas regulam, pois, panoramas da realidade, e por meio da mediação de algum panorama regulam teorias científicas indiretamente. (CLOUSER, 2020, n.p)

Antes de examinarmos este ponto é preciso dizer que a intenção não é desdenhar do conhecimento científico alcançado até hoje. Também não se trata de uma tentativa de invalidar o desenvolvimento da ciência. A posição fundamentalista cristã não faz o uso adequado das Escrituras. Para eles, a Bíblia não é a lâmpada que ilumina o caminho, mas o próprio caminho (CLOUSER, 2020, n. p). A influência religiosa nas teorias é menos direta e mais abrangente. A posição de Clouser é clara. Ele diz que a crença age como pressuposição reguladora que orienta a formação das teorias. O conhecimento humano adquirido sobre a realidade não anula a fé no Deus Criador. O mundo que os cientistas desvendam apresenta as mesmas propriedades daquelas impostas na Criação, isto é, o mundo criado pelo Deus cristão é o mesmo que é estudado pelos cientistas. A função desse estudo é demonstrar que acima de qualquer coisa, a fé auxilia a razão. Ela não é o fim do caminho, mas o começo. A busca teórica de uma realidade última começa por um compromisso religioso e não à parte deste como postula o dogma da autonomia religiosa do pensamento moderno.

4. DESNUDANDO A CIÊNCIA DE SUAS VESTES TALARES

Nesta terceira seção de nossa investigação faremos uma abordagem a algumas teorias de mundo onde é comumente sabido que a religião não pode exercer influência. Analisaremos algumas concepções da Matemática e da Física. Fizemos o uso destas duas disciplinas pois à primeira vista, e isto está encarnado no senso comum, a religião não pode ter influência sobre elas, afinal de contas, o que há de religioso em $1 + 1 = 2$? Dentro destas

duas disciplinas existem teorias que divergem entre si e por isso, demonstraremos que a razão não pode ser autônoma. Do contrário, se isso fosse verdade, indaga Dooyeweerd:

“se todas as escolas de pensamento professam ser unicamente fundadas em princípios puramente teóricos e científicos, isto é, signatários da assim chamada autonomia da razão científica parece um pouco estranho que elas não tenham sucesso em convencer umas às outras por argumentos puramente científicos (DOOYEWEERD, 1948).

4.1 MATEMÁTICA: TEORIA DO MUNDO DOS NÚMEROS

Seria mesmo a matemática o exemplo ideal de ciência neutra? Parece, pelo menos a princípio, que independentemente de religião, $1 + 1 = 2$ significa a mesma coisa para todos. Começemos primeiro pela tentativa de identificar o que significam os símbolos. É certo que os números podem ser aplicados aos objetos da experiência, no entanto, os números não são os objetos em si. Grandes filósofos tentaram descobrir o que eles significam e ainda assim, propuseram teorias bastante distintas sobre eles. Uma destas propostas diz respeito a ideia de que os números representam entidades reais em outros mundos ou dimensões da realidade. Esta proposta foi bastante difundida por Pitágoras e Platão.

De acordo com a teoria, aponta Clouser, o mundo das entidades matemáticas é mais real do que as coisas que são

observáveis na nossa experiência. Elas não são apenas eternas, imutáveis e possuem existência independente, como também todo-governantes. “Elas determinam o que é possível e impossível para toda a realidade, não apenas para o mundo dos números” (CLOUSER, 2020, n.p). O matemático G.W. Leibniz também mantinha uma versão dessa teoria. Certa vez, explana Clouser, ao ser indagado sobre a certeza de $1 + 1 = 2$, respondeu que isso é uma “(...) verdade eterna e necessária que não pode ser afetada mesmo se a totalidade [observável] do mundo fosse destruída e não houvesse alguém para contar e nenhum objeto para ser contado”³⁶.

Certamente, a teoria do mundo dos números, se enquadra na hipótese entitária, isto é, propõe que existe um domínio infinitamente amplo que embora independente do mundo da experiência, governam o mundo mutável do dia a dia. Ela também expressa uma hipótese perspectival. O aspecto quantitativo é necessário para a existência de todos os outros aspectos, isto é, toda a diversidade da experiência, o aspecto biótico, econômico, jurídico, estético, social, etc., são possíveis devido as leis do mundo dos números.

Jonh Sturt Mill (1806-1873) afirmava que os números simbolizam percepções sensoriais. Para ele, $1 + 1 = 2$ significa uma outra forma de dizer que “descobrimos, pela percepção, sempre que experimentamos uma e depois outra sensação, estamos na verdade experimentando duas sensações”³⁷. Bertrand Russel (1872-1970) rejeita a proposta de Mill de que os símbolos da

³⁶ Citado por E. Cassirer em *The Philosophy of the Enlightenment*. Boston: BeaconPress, 1961, p. 237.

³⁷ *Collected Works of John Stuar Mill*, ed. J. Robson et al. Toronto: University of Toronto Press, 1973.

matemática se referem as percepções sensoriais. O aspecto quantitativo, na percepção de Russel é uma pseudo-entidade. Ele afirmava que a totalidade da matemática não pertencia à sensação, mas à lógica. A matemática nos leva do que é humano (as sensações) à região da necessidade absoluta (lógica) “à qual não apenas o mundo atual, mas qualquer mundo possível, deve conformar-se (RUSSELL, 2009, p. 229).

4.2 FÍSICA: A TEORIA ATÔMICA

Vejamos como a regulação religiosa controlam como a natureza dos postulados na teoria são interpretados na Física com base em algumas concepções da teoria atômica. De acordo com Clouser, Ernst Mach (1838-1916) não acreditava na existência dos átomos. Apesar disso, Mach não rejeitou a teoria atômica. Ele decidiu adotar a perspectiva instrumentalista de Dewey. Para ele os átomos e as partículas têm “função útil”, mesmo que as entidades às quais se referem não fossem reais. Assim como Mill na matemática, Mach rejeitou a existência de algo que estivesse além do alcance de nossas percepções sensoriais. Desta forma, Mach considerava a natureza de toda a realidade sensorial. Para ele, tudo o que podemos saber que existem são sensações e os sentimentos que surgem delas. Portanto, não há propriedades ou leis distintamente físicas.

Diferente de Mach, Albert Einstein (1879-1955) acreditava que apesar de nossas percepções serem puramente sensoriais, nossos conceitos têm uma natureza lógica independente da sensação. Ele disse que:

“... o conceito de "mundo externo real" do pensamento cotidiano repousa exclusivamente nas percepções sensoriais ... o que queremos dizer quando atribuímos ao objeto corporal uma "existência real" ... [é] que, por meio de tais conceitos, somos capazes de nos orientar no labirinto das percepções sensoriais” (EINSTEIN,1954, p. 22).

Einstein aceita a teoria perspectival de Mach quanto a natureza puramente sensorial da experiência. No entanto, como explana Clouser, a diferença crucial entre os dois se dá pela crença de Einstein que de fato, existem coisas físicas externas à nossa percepção. Ele entendia que existem objetos puramente físicos externos a nossa mente que são responsáveis por nossas percepções. Em outras palavras, se na teoria a concepção de objetos físicos faz sentido em termos racionais, então, assim como nossas percepções são aceitas como reais, os objetos físicos também o são. Clouser (2020) reforça que essa perspectiva que soma a lógica/matemática às percepções sensoriais como regra para aquilo que se considera a natureza da realidade tem origem na concepção cartesiana³⁸. No coração desta proposta, afirma Clouser, está a suposição de que as leis da matemática e da lógica governam toda a realidade de tal forma a garantir a correspondência entre a realidade e nosso pensamento. No entanto, Einstein admite que a confiança de que a natureza é lógica nesse sentido não pode ser demonstrada. Isto significa que temos menos do que certeza de que existem objetos físicos e

³⁸ *“todas as coisas que, de um modo geral, são compreendidas no objeto da matemática pura, devem realmente ser reconhecidas como objetos externos” DESCARTES. Descartes Selections. New York: Scribncrs, 1973, p. 178)*

chama de crença neles "a fé do físico". Ele acrescenta que os sucessos da ciência dão um certo "encorajamento para essa fé" (EINSTEIN, 1954, p. 295).

Se a razão é autônoma, como, pois, dentro da mesma disciplina é notável a grande diferença que existe em relação às diversas teorias? Para Pitágoras, Platão e Leibniz, o aspecto quantitativo é absoluto. Mill submete a matemática à sensação. Russell à lógica. John Dewey e seu instrumentalismo à biologia. Assim como na matemática e na física, existem divergências teóricas na psicologia, biologia, pedagogia, história, etc. Clouser (2020, n.p) diz que: "Diferentes ideias sobre a natureza básica da realidade afetam a forma como se concebe um aspecto particular da experiência em sua relação com as demais. As teorias científicas são reguladas por alguma metafísica, e qualquer teoria da realidade é regulada, por sua vez, por alguma crença na divindade.

5. NENHUM CONHECIMENTO É RELIGIOSAMENTE NEUTRO

A fé é uma constituição intrínseca ao ser humano. Mesmo em sua investigação científica o homem continua sendo homem e não um ser puramente intelectual, mas uma pessoa com um coração, com afeições e emoções, com sentimento e vontade. O que se segue então não é a questão de a ciência perder sua validade se atrelada a crença religiosa, a questão real é qual crença é válida na perspectiva do cientista. O embate não é entre fé e ciência e sim sobre qual fé. Um conflito de cosmovisões. O

que acontece é que a partir do modelo reducionista³⁹ a ciência natural se tornou patrona do verdadeiro conhecimento.

A fé não oferece nenhuma barreira para o desenvolvimento científico, pelo contrário, ela só oferece resistência quando esta tenta avançar os limites intrínsecos a seu campo pela invasão de outras esferas ou ciências. A fé, como explica Bavinck (2019, p. 132), demanda que a ciência mantenha seu caráter ético e abandone a tentativa de interpretar os fenômenos religiosos e éticos segundo os critérios psico-químicos e matemático-mecanicistas. O homem, ao contrário do esforço moderno, não pode abandonar sua natureza voltada para a crença religiosa pois ela precede sua natureza racional. Dooyeweerd afirma que o homem moderno autônomo, deseja criar um deus à sua própria imagem a fim de justificar sua teodiceia racional:

Leibniz criou um deus no espírito do ideal humanista de ciência, um deus que é o grande geômetra, que pode analisar o todo da realidade em um cálculo infinitesimal. Aqui o cálculo infinitesimal, o qual fora introduzido por Leibniz na matemática, é deificado. Rousseau, o qual lutou apaixonadamente contra a deificação da ciência matemática, criou um deus que correspondia ao sentimento de liberdade da

³⁹ *Reduccionismo é a posição filosófica caracterizada pela tese de que as propriedades do todo podem ser reduzidas às propriedades das suas partes, reduzindo assim o número de elementos em uma teoria ou conclusão, podendo ser aplicada a fenômenos, teorias, significados, objetos e mesmo explicações. É uma posição metafísica que consiste na hipótese de que a realidade é composta por um número mínimo de tipos de entidades ou substâncias. Em sua versão radical, identificada como monismo ou dualismo, o reducionismo ontológico afirmará que todas as propriedades, objetos e eventos existentes no mundo podem ser reduzidos a uma única substância.*

personalidade autônoma. Immanuel Kant criou um deus que é o postulado da razão prática, um deus segundo a imagem de uma moralidade autônoma a qual proclama a personalidade humana como seu fim último (DOOYEWEERD, 1954)

Semelhantemente Nancy Pearcey escreve:

Para o materialista, a realidade última é a matéria, e tudo é convertido em componentes materiais. Para o panteísta, a realidade última é uma força ou substrato espiritual, fazendo com que a meta da meditação seja religar-se com essa unidade espiritual. Para o darwinista teórico, a biologia é última, e tudo, até a religião e a moralidade, é reduzido a um produto de processos darwinistas. Para o empírico, todo o conhecimento é, no final das contas, determinável a dados perceptíveis, e tudo que não for conhecido pela sensação é irreal (PEARCEY, 2006, p. 45)

Desta forma, a crença de que o pensamento teórico é essencialmente independente de crenças religiosas, de que deveríamos mantê-lo independente de interferência religiosa é falsa. Paradoxalmente, essa proposição é estabelecida como “dogma” central da razão secular. Herman Dooyeweerd aponta que jamais houve uma ciência que não fosse fundada em pressuposições de natureza religiosa. Isto significa dizer que “toda

ciência pressupõe uma certa visão teórica da realidade a qual envolve uma ideia das relações mútuas havidas entre seus vários aspectos, e que essa ideia, por sua vez, é intrinsecamente dominada por um motivo religioso central ao pensamento” (DOOYEWEERD, 1954). A Modernidade não criou um mundo que abandonou as crenças religiosas. Ela apenas deslocou a crença para uma outra perspectiva de divindade.

5.1 ONTOLOGIA MODAIS E A FILOSOFIA DA IDEIA COSMONÔMICA DE DOOYEWEERD

A ideia de uma filosofia cosmonômica parte de uma visão de integralidade, isto é, uma visão de totalidade da existência do homem e sua relação com a realidade cosmológica a qual está inserido. Partindo do ponto de vista cristão, para Dooyeweerd, o universo é resultado de uma criação organizada e ordenada por leis advindas do próprio Criador. Inserido nesse contexto, o ser humano entra em contato com uma variada gama de experiências. Essas experiências por sua vez são descritas por Dooyeweerd pelas esferas modais da realidade⁴⁰. O reducionismo faz referência a elevação de um ou mais aspectos ou, para usar a linguagem de Dooyeweerd, esferas modais postuladas como criadoras das demais esferas e sem as quais nada poderia existir ou ser conhecido.

Em Dooyeweerd, a aplicação dessa metodologia nas ciências resulta nos “ismos-modais” (biologismo, materialismo,

⁴⁰ *Esferas modais em Dooyeweerd tem o mesmo sentido que Roy Clouser para aspectos da experiência. Na verdade, o termo de Dooyeweerd foi adaptado em Clouser. Para Dooyeweerd as quinze esferas modais de experiência são: pística; ética; jurídica; estética; econômica; social; simbólica (ou linguística); histórica; analítica (ou lógica); sensitiva (ou sensorial); biótica; física; cinematográfica; espacial; e aritmética (ou numérica).*

psicologismo, logicismo, historicismo, etc.). Usemos de uma analogia para facilitar o entendimento. Quando direcionamos um feixe de luz em prisma, do outro lado esse mesmo feixe de luz é refratado em diversas cores. O prisma na verdade, em razão do cumprimento das ondas das diversas cores, nos mostra que as múltiplas cores decompostas são na verdade o branco. O branco é o resultado da junção de todas as outras cores. A realidade da luz quando decomposta nos mostra que ela é espectral, isto é, a luz branca não está limitada ou fechada a um determinado conjunto de valores. Desta mesma forma, como cristãos, acreditamos que o Universo, como disse Sérgio Queiroz, foi criado por Deus de sua própria fonte, "Haja Luz!"⁴¹. A luz branca é a realidade integrada. As cores refratadas pelo prisma são os aspectos ou esferas modais da experiência. Os "ismos-modais" são o resultado da absolutização de um desses aspectos.

Para entendermos o que isso significa, a pergunta inescapável a se fazer agora é: O que é o homem? Em Dooyeweerd o homem é governado por um motivo base religioso e que o verdadeiro ponto de partida do pensamento filosófico não pode ser o próprio ego, como Kant o dissera, pois o ego é vazio. Somente quando preenchido e operado pelo motivo básico religioso é que o ego adquire um caráter dinâmico agindo "como centro de nosso horizonte temporal da experiência" (DOOYEWEERD, 2018, p. 76). Isto quer dizer que a experiência apreendida vai ser guiada através do ego, que por sua vez é direcionado a um absoluto de caráter religioso, um motivo-base.

⁴¹ *Aplicação feita pelo pastor Sérgio Queiroz em ministração da Palavra na Cidade Viva em 25 out. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AjAvw--lkQE>.*

Dessa maneira, a atividade teórica é direcionada a partir das lentes de um absoluto supratemporal.

Quatro são os motivos básicos religioso apontados por Dooyeweerd: (1) Matéria e Forma – A filosofia grega em busca por um fundamento de todas as coisas (arché). (2) Criação, Queda e Redenção - A realidade é criada por Deus no Cristianismo, logo, toda a realidade do cosmos possui uma estrutura de funcionamento que se encaixa, de certa maneira, com a visão posta pelo próprio Criador. (3) Natureza e Graça – É o resultado medieval do esforço de tentar conciliar a visão grega da realidade e a visão cristã. Uma separação entre o natural e o sobrenatural. (4) Natureza e Liberdade – De onde sai o “dogma da autonomia da razão”. O dualismo que faz distinção entre a fé e a razão. Onde a religião é posta como esfera privada da vida que nada tem a ver com os demais aspectos. Por esse motivo Dooyeweerd vai dizer que a absolutização de um aspecto modal eleva esse aspecto a condição de transcendental, na linguagem de Clouser, divino e, por tanto, “idolatria”, isto é, substitui o Criador por algo dentro da Criação (DOOYEWEERD, 2018, p. 29).

5.2 GUARDANDO O CORAÇÃO

Dooyeweerd regata a ideia bíblica do coração como ponto central da existência humana. A ideia da autonomia da razão, isto é, do homem puramente intelectual como se fosse descarnado, é fruto de uma distorção filosófica antropológica que implica que a ação humana é principalmente produto da deliberação racional. Para a tradição reformada, o homem tem seu ponto central de existência no coração. Os seres humanos são definidos, em

última instância, por aquilo que amam e que em tudo o que é humano, isto é, a maneira de pensar e agir, o modo como nos relacionamos com o mundo, por mais secular que pareça, é religioso.

As Escrituras nos dizem que é do coração que procedem as fontes da vida (Pv 4.23). Em nossos dias é muito comum relacionar a figura da cabeça como a origem dos pensamentos e o coração aos sentimentos. No entanto, a visão do Antigo Testamento coloca o coração como sendo o centro de toda a atividade humana. Em outras palavras o homem é o coração. Para o povo hebreu, o coração era a unidade central de onde flui toda a variedade de formas da vida exterior. Nossas ações não são um conjunto acidental de ações externas, mas fluem do interior para o exterior. Para Agostinho, era no coração que o homem se encontrava.

O ego ou *coração* é o ponto de partida de toda prática teórica de pensamento. Albert Wolters o define como:

... a unidade transcendental que possibilitaria ao homem, na atitude teórica de pensamento, a síntese entre os aspectos lógicos e não lógicos da experiência. Por essa razão, Dooyeweerd referiu-se ao coração como Ponto Arquimediano do pensamento (WOLTERS apud DOOYEWEEERD, 2018, p. 251)

Keneth Smith segue a mesma antropologia de Dooyeweerd em relação ao coração. "Somos o que amamos, e nosso amor é moldado, aperfeiçoado e guiado por práticas litúrgicas que tomam posse das nossas entranhas e direcionam nosso coração

para certos fins" (SMITH, 2018, p. 40). O trabalho de Smith propõe um deslocamento do centro de gravidade da identidade humana, do intelecto para o coração (*kardia*). Segundo sua antropologia, a maneira em que estamos inseridos no mundo não é como seres basicamente pensadores ou crentes mas, afetivos e intencionais, isto é, "o nosso ser-no-mundo é sempre caracterizado por uma orientação dinâmica" (SMITH, 2018, p. 47). O amor é a forma mais fundamental com que nos relacionamos com o mundo, pois o que amamos define o que somos. O amor a que Smith se refere são os nossos amores supremos, aqueles para os quais estamos profundamente voltados, aqueles que governam nossa visão de vida boa, que dão forma e moldam o nosso ser-no-mundo, em suma, "aquilo que adoramos".

Como vimos no início de nossa investigação, o conceito de religião de Dooyeweerd é o impulso do homem a se dirigir a sua Origem absoluta. O coração humano sempre está direcionado a um absoluto supratemporal. Desta forma, o homem busca por meio do motivo básico religioso analisar e interpretar a totalidade da realidade por meio de um só aspecto, a saber, o religioso. A divergência não é do aspecto modal, mas sim de que direção é dada ao aspecto religioso (Matéria e Forma; Criação, Queda e Redenção; Natureza e Graça; Natureza e Liberdade). Ao verdadeiro ou a um pretense deus (ídolo). Assim, nenhuma atividade teórica pode ser neutra ou autônoma, mas totalmente dependente e submissa a um direcionamento religioso. É pelo redirecionamento religioso do coração que o homem encontra regeneração e assim, a renovação de todas as funções temporais (WOLTERS em DOOYEWEERD, 2018, p. 251).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está mais do que claro que as ideias diferentes da natureza básica da realidade afetam a maneira como um aspecto particular da experiência é visto como relacionado a todos os outros aspectos. Vimos em primeiro lugar que uma crença religiosa significa uma crença no divino. O divino por sua vez é a realidade auto existente e independente. Em segundo lugar, debatemos que a ciência natural é dependente de uma teoria da realidade. Essa teoria por sua vez possui valor metafísico e por isso se relaciona com o divino, não importando se este é verdadeiro ou pretense. Dessa maneira, a crença religiosa indiretamente, mas substancial, regula a construção do conhecimento científico. O ato de regular se traduz na convicção de mundo que o estudioso possui e interferem no trabalho investigativo. Desta forma, o historiador seleciona os fatos que a ele parecem ser importantes, o jornalista replica as os depoimentos que contribuem para a sua narrativa, o cientista concebe a realidade de acordo com pressupostos exigidos por aquilo que acredita ser divino.

Dentro de nossa estrutura de pensamento entendemos que o pecado deforma qualquer produto cultural e social. No entanto, assim como o pecado afetou toda a realidade humana na Queda, desta mesma forma a Restauração, iniciada por Cristo, nos possibilita a reorientação das estruturas de pensamento e conseqüentemente, das atividades humanas. Precisamos estar cientes dos propósitos da criação, da idolatria cultural e da capacidade curativa. A razão não é legisladora, ela é serva. Também não é autônoma, mas totalmente dependente. Ela não é neutra, mas tendenciosa. A fé não é uma barreira construída ao

redor das ciências naturais. Pelo contrário, a fé é uma exigência universal a qual todos estamos submetidos. A disputa não é entre fé e ciência. É sobre qual é a fé. Não sobre a amostra de mundos diferentes como se a Bíblia apresentasse um mundo diferente dos cientistas. Vivemos exatamente no mesmo mundo. O que nos diferencia é a percepção que temos dele. Os cristãos acreditam que a natureza é objeto da criação de Deus. Por outro lado, outros acreditam que não existe deus e, portanto, se submetem a quaisquer outras coisas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**: introdução e comentários de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002.

BAVINCK, H. **A filosofia da revelação**. Brasília: Monergismo, 2009.

BÍBLIA sagrada. Nova versão internacional. São Paulo: Bíblia Brasil, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a base. Brasília: MEC, 2018.

CALVINO, J. **As institutas da religião cristã**: edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

CARVALHO, G. D. **A filosofia de Dooyeweerd**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kvxHTJDhZx0&t=515s>. Acesso em: 25 de jul. 2020.

CLOUSER, R. **the myth of religious neutrality**: an essay on the hidden role of religious belief in theories. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2005

CLOUSER, R. Prospects for theistic science. **Dialogue**, v. 58, p. 2-15, mar. 2006.

CLOUSER, R. **O mito da neutralidade religiosa**: um ensaio sobre a crença religiosa e seu papel oculto no pensamento teórico. Brasília: Monergismo, 2020.

DANTZIG, T. **Number**: the language of Science. New York: Plume, 2007.

DOOYEWEERD, H. **Transcendental problems of philosophic thought**: an inquiry into the transcendental conditions of philosophy. Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 1948.

DOOYEWEERD, H. La Sécularisation de la Science. **La revue réformée**, v. 5, p. 138-155, 1954.

DOOYEWEERD, H. **A New Critique of Theoretical Thought.** Ontario: Paideia Press, 1984.

DOOYEWEERD, H. **Estado e soberania.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

DOOYEWEERD, H. **No crepúsculo do pensamento ocidental:** estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Brasília: Monergismo, 2018

EINSTEIN, A. **Ideas and opinions.** New York: Bonanza Books, 1954.

GAUCH, H. G. **Scientific method in practice.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

PEARCEY, N. **Verdade absoluta:** libertando o cristianismo de seu cativo cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PIAGET, J. **Science of education and the psychology of the child.** New York : Orion Press, 1970

REICHOW, J. K. **Reformai a vossa mente.** Brasília: Monergismo, 2019.

RUSSELL, B. **The basic writings of Bertrand Russell.** London: Routledge, 2009.

SAGAN, C. **Cosmos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHAFERSMAN, S. D. **Naturalism is an essencial part of science and critical inquiry,** 1997. Austin. Thinking christian. Disponível em:
https://www.thinkingchristian.net/wp-content/uploads/2011/03/sc_hafersman_nat.html Acesso em: 23 out. 2020.

SMITH, JAMES K. A. **Desejando o Reino:** culto, cosmovisão e formação cultural. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WALLACE, A. F. **Religion:** An anthropological view. Nova York: Random House, 1996.